

ENTREVISTA

Slavenka Drakulic

Jornalista, romancista e cronista

A croata Slavenka Drakulic sentiu na pele a guerra que levou à desintegração da Jugoslávia. Quando se assinalam 30 anos sobre o referendo croata pela independência, explica que ainda há muitas feridas por sarar. “Café Europa Revisited: How to Survive Post-Communism”, a sua obra mais recente, foi editada no início deste ano. Tem três livros traduzidos para português: “Como Se Eu Não Existisse”, “Como Sobrevivemos ao Comunismo Sem Perder o Sentido de Humor” e “Não Faziam Mal a Uma Mosca”

“Uma mãe que tenha perdido um filho na guerra dirá que a independência não valeu a pena”

José Fialho Gouveia
jose.gouveia@novo.lapanews.pt

Que memórias tem de 19 de Maio de 1991, dia do referendo sobre a independência da Croácia?

O referendo não foi uma surpresa. Há muito que se falava sobre a independência e havia grandes expectativas de um resultado positivo. Foi uma decisão política e algo muito simbólico, mas, na prática, demorou muito tempo até se concretizar. A euforia, depois de 93% terem votado pela independência, fez com que fosse mais difícil perceber que a guerra estava no horizonte. Era como se o referendo nos fosse salvar dos nossos vizinhos, como se, com a independência, a Croácia se fosse embora tal e qual um navio. Apesar dos sinais e da intensa propaganda nacionalista a que se assistia, não estou certa de que as pessoas tivessem, nessa altura, consciência do perigo. **No seu livro “Balkan Express” (Expresso dos Balcãs) escreve: “As pessoas não votaram em perder os filhos na luta**

pela independência, mas a independência tresanda a morte.” Esse cheiro já se evaporou?

As pessoas não votaram a favor da guerra, mas ela chegou depressa e com muitas mortes, por isso, sim, podemos dizer que a independência ficou marcada pela dor. O preço que a Croácia pagou em vidas humanas é incomensurável. Uma mãe que tenha perdido o filho na guerra dirá certamente que não valeu a pena e ninguém a poderá recriminar. Porém, os restantes cidadãos têm uma atitude distinta. A tarefa muito difícil que temos pela frente nas próximas décadas é a de aprender de novo a viver juntos, ainda que oficialmente separados. Qualquer guerra destrói o tecido social e rasga de forma violenta os laços entre as pessoas. Ainda há muitas feridas por sarar e isso demora tempo. **Essas feridas são principalmente na relação com a Sérvia?** Sim, porque a Sérvia foi o agressor da Croácia. Mas é interessante

constatar que as pessoas restauraram as comunicações e começaram a visitar-se muito antes de isso ter acontecido ao nível das instituições estatais. Ainda que a política aqui, nos Balcãs, seja sempre ditada de cima para baixo, as relações humanas pré-guerra prevaleceram. O processo de reconciliação é mais rápido a um nível informal. Num patamar oficial, dá a sensação de que nenhum dos lados está interessado em que isso aconteça. **O Muro de Berlim veio abaixo em Novembro de 1989. Foi então que os ventos de mudança começaram a soprar na Europa de Leste. O sentimento era apenas de esperança ou também de medo em relação ao que estava para vir?** Mais do que esperança, havia desorientação. Mas, sim, havia grandes expectativas. Acreditámos que a vida ia mudar da noite para o dia, que íamos acordar mais ricos e em apartamentos maiores. Mas essas expectativas rapidamente se transformaram em desilusões. Tornou-se óbvio que a democracia

e o capitalismo não nos tornavam iguais às pessoas do Ocidente. As diferenças entre ricos e pobres acentuaram-se, o desemprego cresceu, havia abundância de bens para adquirir mas não tínhamos poder de compra. No fundo, as pessoas começaram a sentir-se como europeus de segunda. Em muitos aspectos isso era verdade. E era frustrante. A viragem para os nacionalismos, para as tradições e para o fortalecimento das identidades nacionais ou o fechamento das sociedades foram formas de reagir a essas frustrações. **Na ex-Jugoslávia muitos ainda olham para os anos de Tito com um sentimento de perda. Também tem saudades desse tempo?** Quando falamos de nostalgia, temos de ter cuidado. Em primeiro lugar, há diferenças entre as gerações mais velhas, que viveram os anos de Tito, e as mais novas, que não têm quaisquer memórias desse tempo. E depois também temos de distinguir entre a nostalgia da juventude – que é natural – e a nostalgia do comunismo – que não existe assim tanto. Quando alguém anseia por um emprego seguro e por um custo de vida mais baixo, não significa que tenha saudades do regime autoritário de Tito. **Ainda sente os outros países que faziam parte da Jugoslávia como seus?** Sim e não. Por várias razões, não visito outras regiões com tanta frequência como fazia antes, mas percebo algumas das línguas

apesar de terem os meios para o fazer. Vão para as ruas muito menos do que deviam e podiam. **Ainda sente os outros países que faziam parte da Jugoslávia como seus?** Sim e não. Por várias razões, não visito outras regiões com tanta frequência como fazia antes, mas percebo algumas das línguas

“

O nacionalismo ainda tem um peso tremendo, mesmo 25 anos depois das guerras. Mas não estamos sozinhos neste problema – olhemos para os Estados Unidos durante a presidência de Trump”

e tenho amigos na Eslovénia, na Sérvia, na Bósnia, na Macedónia... Sinto-me em casa quando lá vou. Continua a ser mais aquilo que nos une do que aquilo que nos separa. **Acompanhou de perto os julgamentos no Tribunal Penal Internacional para a ex-Jugoslávia. “Quanto mais tempo dedico aos casos individuais dos criminosos de guerra, menos acredito que sejam monstros.” Esta citação é retirada do seu livro “Não Faziam Mal a Uma Mosca”. Foi capaz de ver o lado humano de criminosos como Milosevic, Mladic e Karadzic?** São pessoas como nós e esforço-me muito por explicar porquê. Dizer que não são humanos não passa de um mecanismo psicológico de defesa. Significa que nós – pessoas normais e boas – queremos distanciar-nos desses “monstros”. Admitir que são pessoas como nós significa que poderíamos cometer crimes horríveis. Não gostamos de pensar assim. Mas qualquer ser humano tem dentro de si

o potencial para o bem e para o mal. As religiões também lidam com esta dualidade. **Em “Balkan Express”, num texto datado de Junho de 1992, refere: “O mito da Europa, da nossa pertença à família europeia e à cultura europeia, desapareceu.” Hoje a Croácia é um membro da União Europeia. Trinta anos depois, como olha para a frase que escreveu?** Quando tiramos uma frase do contexto, torna-se complicado entender o seu significado. Esse texto foi escrito num momento de desilusão porque a UE não parou as guerras na Jugoslávia enquanto ainda era possível fazê-lo. Durante muito tempo, a Europa tratou os conflitos na Croácia e na Bósnia como um pequeno incêndio no quintal das traseiras. Explicar as razões para que tenha sido assim iria levar muito tempo. Convém não esquecermos que foram os EUA a travar a guerra na Bósnia. **Voltando a citar o seu “Como Sobrevivemos ao Comunismo Sem Perder o Sentido**

de Humor”: “Quando crescemos na Europa de Leste aprendemos desde muito cedo que a política não é um conceito abstracto, mas uma força poderosa que influencia o dia-a-dia das pessoas.” **A política, entretanto, perdeu força?** Não. E isso é desolador. Continua com poder absoluto sobre as nossas vidas, através da manipulação. E o nacionalismo ainda tem um peso político tremendo, mesmo 25 anos depois do fim das guerras. Mas não estamos sozinhos neste problema – olhemos para os EUA durante a presidência de Trump. **Mas os líderes políticos foram dessacralizados?** Diria que isso aconteceu depois do líder sérvio Slobodan Milosevic ter sido extraditado para o Tribunal Internacional em Haia e de o croata Franjo Tudjman ter morrido. Depois do ano 2000, os líderes políticos deixaram de ser considerados heróis e não gozam da mesma admiração. Ainda assim, continuam a ter muito poder.

“Pela primeira vez experienciei a fronteira do ponto de vista físico: pareceu-me um muro. Nesse momento percebi que era mentira tudo o que diziam sobre os muros estarem a cair na Europa.” Escreveu esta frase em 1992, ao cruzar a barreira entre a Eslovénia e a Croácia. Como olha para os muros na Europa hoje em dia? Existem muros, mas são diferentes. Há, por exemplo, as diferenças entre cidadãos da UE e os outros europeus. Mas os muros mais altos são aqueles que se levantam para travar os refugiados de África e do Médio Oriente. São vistos como a grande ameaça à Europa. **Isso significa que a Europa continua sem aprender com a História?** Sem dúvida. É assustador perceber a escassa memória das pessoas, o pouco que conhecem o seu passado. Neste momento a História está reduzida a um meio de manipulação. Isto talvez seja mais visível no meu lado da Europa.



DR

Admirável mundo novo

Fronteira (quase) invisível



Teresa Nogueira Pinto

Em 2021, numa Europa onde tudo se cancela e censura, em Londres grita-se “morte aos judeus”; em Berlim queimam-se bandeiras de Israel; em Colónia vandalizam-se sinagogas. Uma claque de futebol em Arnhem canta “*Hamas, all Jews to the gas*”.

O anti-semitismo cresce não apenas entre neonazis e radicais islâmicos, mas também entre certa esquerda que vê em Israel os pecados da civilização ocidental: colonialismo, racismo, imperialismo. E que adopta um discurso que revela quão ténue é a fronteira entre a crítica legítima e o anti-semitismo que transforma o Hamas – grupo terrorista que oprime palestinianos e convoca à eliminação dos judeus – num “movimento de libertação”. Uma narrativa assente muitas vezes na manipulação de factos e emoções e que não tem pudor em estabelecer uma equivalência entre os crimes do nacional-socialismo – que, como disse Arendt, explodiram os limites da lei, originando uma culpa que ultrapassa o crime e uma inocência que está para além do bem ou da virtude – e o sionismo. A velha narrativa de Saramago e Chomsky, de Erdogan, Corbyn e Mélenchon.

Conta Joe Biden que, certo dia, Golda Meir lhe disse que não se preocupasse porque os judeus tinham uma arma secreta: não tinham mais nenhum sítio para onde ir. Historicamente, é também das perseguições aos judeus – cuja expressão mais dramática é o Holocausto – que resulta o imperativo moral da sobrevivência de um povo e a ideia da criação de um Estado como condição necessária a essa sobrevivência. Aceitar que esse Estado exista implica reconhecer-lhe o direito a defender-se daqueles que desejam erradicá-lo. Honrar a promessa de “nunca mais” implica reconhecer, e silenciar, o discurso de ódio.

Investigadora